

A ampulheta alquímica

A ampulheta alquímica

Muriel Maia-Flickinger



Editora Sulina

Copyright © Muriel Maia-Flickinger, 2019

Capa: Letícia Lampert

Editoração: Vânia Möller

Revisão: Vânia Möller

Editor: Luis Antonio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação CIP
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

M217a Maia-Flickinger, Muriel
A ampulheta alquímica / Muriel Maia-Flickinger. – Porto Alegre:
Sulina, 2019.
343 p.; 16x23cm.

ISBN: 978-85-205-0846-6

1. Literatura Brasileira – Romance. 2. Romance Brasileiro. I Título.

CDU: 821.134.3(81)-31
CDD: B869

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Meridional Ltda.
Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana
CEP: 90620-100 – Porto Alegre, RS – Brasil

Tel: (0xx51) 3110-9801
www.editorasulina.com.br
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Julho/2019

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

*Para Hans-Georg,
que arrancou à gaveta esse escrito.*

Sumário

9	Apresentação
13	O Diário de Myrna K.
14	• Encontro com a voz no Viaduto
29	• O início de tudo
87	• Encontro no “Chalé”
121	• O fim
127	• O reencontro
137	• A carta
161	• Um pacote do México
171	• <i>O Relato</i>
299	• Quebrando o silêncio
309	• O final do Diário
310	Epílogo
336	Uma “quase” entrevista
343	• “Mas também a promessa”

*Porque aqui, onde se trata do valor ou desvalor
de uma existência, onde se trata de salvação ou
danação, não são os conceitos mortos da filosofia
que decidem, senão a essência íntima do
próprio homem, o demônio que o guia e que
não o escolheu, mas que foi dele mesmo escolhido.*

Arthur Schopenhauer

Apresentação

Levou-me a publicar o texto ou textos que apresento, a sua mera existência e estranheza. Anos atrás, arrematando em leilão a casa em que hoje moro, deixei primeiro reformá-la e, durante os trabalhos, encontrou-se no sótão um pequeno alçapão. Dentro dele um *Diário* e um punhado de textos isolados, que, após ler e hesitar entre destruir e publicar, hoje entrego ao leitor. Myrna K., proprietária anterior da casa, deixou-a em testamento ao casal de empregados que a servia. herdada, após, pela filha dos mesmos, esta vendeu-a à firma que, falindo, ensejou o leilão em que a comprei. Eis a cena prosaica, o caminho casual do *Diário* e dos demais escritos ao livro. Se Myrna aprovaria sua publicação? Ela os deixou ficar e, extraídos agora a seu esconderijo, eles se autonomizam, falam por si, oferecem-se ao ler pela própria presença e a força do que dizem. Publicando-os, faço apenas valer o destino que os trouxe até mim.

O *Diário* foi redigido em textos paralelos – dois maços de papel ofício grampeados – cada um voltado a um tempo diferente: presente e passado. Enquanto, no primeiro, os registros ostentam só a data e a estação do ano, acrescentou-se um título ao segundo: “...de um tempo no passado”. A acreditar nas datas, foram, os dois, concebidos simultaneamente, e de tal modo imbricados, que fazem um só. Eu os juntei, aqui, preservando das datas o ano e as estações do mesmo. Decidida a manter a dupla abordagem temporal eleita

por Myrna, e para não alterar limites e fronteiras no espaço-tempo inerente ao seu imaginário, passei a lutar com a dificuldade, também física, de ajustar seus registros – presente e passado – à superfície material do livro. Um outro embaraço deveu-se ao fato de ela ter buscado alargar o trabalho da própria lembrança, ora só remetendo a escritos de outros (entre os textos achados no alçapão) ora abreviando-os em seus próprios registros. A diferença entre os originais e o livro está em que, ao contrário de Myrna, eu transplantei ao *Diário*, na íntegra ou quase, os tais escritos. Porque todos são parte da história e a influenciam no seu desenlace. A leitura, com isso, fica labiríntica e exige atenção. O *Diário*, é preciso lembrar, não buscava os *seus* olhos, leitor. Escrevendo em um presente que escava o passado a indagar o futuro, Myrna voltava-se a interlocutor incógnito e escorregadio, arrancado ao que nela era outro que ela, e preserva-se oculto a quem lê.

Há de se compreender, lendo o livro, o que tento indicar com o termo *estranheza*. Tão enigmático me pareceu o final do *Diário* – eu acabava de chegar à cidade vinda de São Paulo e de um processo de divórcio conturbado, para assumir vaga na Redação de um jornal importante daqui –, que, atiçada essa curiosidade natural a minha profissão, decidi investigar nas redondezas da casa, no bairro e adjacências, junto a certas pessoas e outras mais indicadas por estas, acerca do que teriam visto ou sabido da vida e da pessoa de Myrna. A mim, interessava achar algo que iluminasse um pouco as entrelinhas finais deste escrito, em especial o que se deu com a autora *após* a interrupção brusca do mesmo. Pois a casa em que moro e foi sua acabou por ganhar, depois disso, a fama de assombrada no bairro. Devo entretanto conceder que, a não ser por informações corriqueiras, e outras um tanto abstrusas, nada vim a saber que o esclarecesse.

Do que fica de tudo que ouvi, não me cabe afinal decidir. A narrativa do que vim a apurar nessas pesquisas eu a deixei para o final do livro, já que, principalmente em seu encerramento, sua avaliação depende da leitura completa do *Diário*. Quero alertar, ainda, que no resultado dessas investigações a fronteira entre o banal, o estranho e o sem sentido é tênue e fugidia. Cabe, pois, ao leitor extrair conclusões à leitura das mesmas. Eu voltarei, portanto, a imiscuir-me na história, apresentando, ao fim, a abreviatura do todo apurado. E um pouco mais, confesso, já que, sem querer ou prevenir-me, acabei me enredando na trama...

Myrna morreu há dezesseis anos. Estava com cinquenta e um anos de idade e, ao que parece, sofria há muito de uma, até pouco antes de morrer não identificada, isquemia cardíaca. Disseram-me que teria morrido dormindo. Eu me pergunto se isso é mesmo possível, morrer dormindo. Pode-se estar dormindo, quando o mundo acaba?

Rabiscada no *Diário*, consegui decifrar a citação de Stefan Zweig, que deixei como mote às reflexões de Myrna.

Como organizadora deste livro-fragmento ou fragmento de livro, a mim resta esperar que ele o encontre, leitor...

Porto Alegre, verão, 2017

Ismália Porto